

UMA NOVELA DE ACTUALIDADE

E' novo, inteligente e possui independência do espirito o autor da novela. E' visceralmente lisboeta, não perdendo esse caracter em plena África, onde escreveu estas paginas, vibrantes de actualidade.

.....
(Ela) — E a Vida... — Como a idealisa V.?...
.....

(Ele) — Um bailado exhibicionista em que os dançarinos se recortam na Sombra das suas damas!

.....
Mário, o amigo comum, provocára o seu encontro, convidando-os para um jantar de anos, um jantar-baliza — Mais uma hora no grande relógio da Vida!...



Mário, o amigo comum, conseguiu fotografar os protagonistas desta novela real, quando dançavam freneticamente. João tinha sido um formoso rapaz antes de ter a sua alma entornada na ânfora do Vício.

Ela é uma sentimentalista: — Crucificava a Alma para viver o Corpo, levitada por idealismos efêmeros, destacando a sua silhueta de fluido ao riscar, com a sua presença, o horizonte das revólutas multidões...

Ele, artista, boêmio e inconstante, sedento de aventura e beleza, impres-

sionista — Alma entornada na ânfora do Vício...

Esse antagonismo flagrante aproximava-os num diálogo em que o imprevisto imperava:

— E como é que V. define o Amor?

— O amor, Maria Hegyerna, é uma atitude anímica! Uma atitude que nos arrasta ao crime e nos eleva aos paramos do Idealismo, alteando-se as regiões da Vertigem ou desenhando o retôrno da Razão... — Uma atitude que tem o poder divino de nos transformar, mascarando as arestas com o veludo das seduções!...

— É extraordinário o entusiasmo que V. põe na sua teoria...

— ... Arrebatamento próprio dum sér que reza a litania do Amor!...

Houve um interregno de silêncio em que os sentimentos se degladiaram numa conjugação de potenciais que, por serem diferentes, se atraíam irresistivelmente...

Na retina de Maria Higyerna estagnava-se, agora, a fisionomia inteligente de João, — Dera-se a absorção inevitável dum dos fluidos...

.....
48 horas depois...

O Club vestia galas.

Lustres eletricos drapejavam jôrros de luz a vergastar tepidos veludos de carnes nús, arcoirizando desequilíbrios de Cór.

O «jazz» feria notas destrambelhadas dum «walkstop» frenético, a contorcionar sentidos, elétrisados pelo contacto das epidermes...

Nos recantos da sala a penumbra coalhara...

Fustigados pela luz que dispersava em labarêdas de croma, os pares volteavam oscilando murmúrios...

.....
E Eles dançavam também...

.....
— V. é divina de Arte... — Tem «souplesse»...

— E' gentileza de V. ...
.....

— Surge a ocasião, Maria Hegyerna, de exemplificar a teoria que formei sobre a Vida!

— ...! ? ...

— Recorda-se de como a defini?...

— Tenho uma vaga reminiscência; mas...

— V. deve lembrar-se que eu dizia — ser a Vida um bailado exhibicionista, em que os dançarinos se recortavam na Sombra das suas damas...

No verde macio e profundo do olhar de Maria Hegyerna houve uma crispação estranha... As íris tombaram reflexos cyanóticos de miragem...

Sem verbalismos ardentes, isentos de atitudes teatrais. Eles fundiram-se no fulgôr duma paixão espontânea, espiritualizada na órbita brumosa dum olhar silente a scintilar flamas de mistério...

.....

E fugiram juntos...

.....

E amaram-se com loucura, morbidamente, dolorosamente, bebendo nos lábios sequiosos a cocaína de momentos transcendentais!

... Foi uma alucinação de alguns meses...

Devorava-os um desvairo de Carne — febre com bruscas intermitências, em que Ela caía em mística adoração do amante — sorvendo até o subconsciente, num amplexo de nevrose, bôca com bôca — em ângulos de fogo — o vírus letal do Amor!...

Após o evoluir das últimas espirais do Delírio, deu-se a queda no Vácuo...

João exgotára o Amor. Com a froixidão da Carne surgiram os primeiros contornos do cansaço. O seu egoísmo mórbido esbatêra o sôpro de paixão que o dominára intensamente... E, aconchegava, com fria condescendencia, a bela cabeça de Maria Hegyerna — assombro de euritmias — que diluía em lágrimas sentidas a magua de ver derruído o Templo sublime das suas ilusões...

... Era o rescaldo...

.....

— Vem para mim, João. Sei que já te não mereço um resto, sequer, de affecto. — Sinto-o nas tuas carícias froixas... Mas tem pena da tua Hegy, meu Amor!... Sabes bem que não posso viver sem ti!...

E doutras vezes, com um assomo de revolta: — Não compreendo a tua indiferença! Sou ainda aquela mesma mulher que te fez viver momentos de loucura! — Amo-te da mesma forma e com o mesmo ardor!...

.....

E logo arrependida do tom da voz ajoelhava-se, descançando a cabeça no regaço do amante: — Perdôa á tua Hegy, João... Ela sofre muito!...

.....

João compadecia-se d'Ela, e afagava-lhe então, o rôsto humido de choro...

.....

Ele sondava a bruma do futuro — Sentia aniquiladas todas as suas energias afectivas; um vento de obsessão impelia a nuvem do seu derradeiro Alento... Deparava-se-lhe insustentável a situação que creára...

... E, começou a notar, também, uma metamorfose completa em Maria Hegyerna, cujo fluxo de vibrações psychicas sintetisavam Gêlo!...

Com insensibilidade doentia Ela moldava ao seu espirito todos os caprichos — os mais loucos — do amante. Seguia, impassível, de perfil sereno, a boémia desordenada de João, vivendo a largos haustos o ritmo do passado, morrendo todos os dias na rotina de momentos indefinidos...

Ele, exgotadas todas as deduções para discernir a nova atitude de Maria Hegyerna, anteviu a rutura do último élo que os sustinha, ainda na mesma corrente: — A afinidade espiritual d'Ela... E, concebeu logo a fuga, o afastamento para muito longe, onde pudesse esquecer aquêlê pesadêlo de tantas horas:

— Temos que nos separar, Hegy. — Vou adquirir, numa viagem longa, novos ensinamentos para a Arte que cultivo...

— Tens razão. Já nada existe entre Nós... — Nem ao menos vislumbres de Saudade!... É forçoso que nos separemos...

Maria Hegyerna causticára o último reduto da expectativa do amante...

E, João partiu...

E a alma de Maria Hegyerna pairou suspensa, resvalando cinzas de aniquilamento numa — ? — muda de dois longos mezes, a burilar no abstrato o elogio do Nada!

* * *

Ele estava doente.

Ruido de Nevropatías deambulava no universo da Saudade-Dôr, a escorrer lavas de martírio. O seu Espírito evolufa rasgando-se nas fragas do Infinito, a humanizar — Anceio —

... E soluçava desânimo quando revolvía, trémulo de evocações, a nevrina de tempos idos...

Foi numa manhã fria de Dezembro:

Para Ti, Maria Hegyerna, Alento da minha Vida,

.... os pedaços do meu Sofrer....

— Perdão!! de joelhos te peço. Pelo nosso Amor amercela-te de mim... — Não sangres mais o meu martírio!...

A Dôr — fulcro de todas as paixões, de todos os fenómenos vitais — tem sido para mim a fonte de grandes ensinamentos; — Os ensinamentos com que eu pretendi mascarar, um dia, o motivo da minha retirada...

— Lembras-te? !... ..

Ela, a Dôr, rasgou em mim uma nova Era de Amor!... — E eu nunca te amei tanto como hoje!!...

— Dize que me não esqueceste... Quero que mo digas!... Meus labíolos queimados pela febre, ao murmurar Teu nome extravasam vagas sonoras de angústia...

— Mouro sem Ti..... — Vem!...

João.

Maria Hegyerna, os braços erguidos em postura súplice — mármore trabalhado de Génio a simbolizar o Extase — chorava...

— Iria, sim... Ela nunca deixara de O amar...

Ambiente de meias tintas...

A tarde baqueava ensombrando de Cinza...
Ao longe, na linha virtual que contacta o Planeta com o Espaço, sínteses luminosas rezam sinfonias de Cór:

Era a sagrada liturgia do crepúsculo...

— Hegy, meu Amor, hoje és Tu a escolher....

— Gosto muito de Debussy... — Mas qualquer autor me satisfaz desde que sejas Tu a executar...

— Obrigado. Dize, antes, que a minha Arte se excede em análises, só para auditório tão gentil e conhecedor!...

E fundiram-se num imenso beijo — Beijo de chama e sentimentalismos discretos —

Sob o olhar estático de Maria Hegyerna, João começou a tocar. .

Encarnando a partitura Ele corria o teclado desferindo melodias subtis, morbidez de Som a plasmar atitudes anímicas, para logo bater acordes de arrebatamentos exaustivos — colorações rubras de heroísmos de Forma — e, smorzzar, pouco depois, maciezas de ritmo...

Lá fora caía noite em espasmos de Treva...

E, João, vivendo a Eternidade do Espírito, executava ainda...

SALINAS DE MOURA